

A UPPE E SUA RELAÇÃO COM A DITADURA MILITAR

DIEGO DA SILVA RAMOS*

Desejando o aprofundamento do estudo da postura da sociedade civil durante a ditadura, procuramos aprofundar os estudos em um grupo que pudesse representar este setor em parte. Escolhemos então o professorado primário, pois era composto na década de 1960 basicamente por membros da classe média (MASSOM, 1988)¹. No entanto, não bastaria apenas focar a pesquisa para o comportamento docente daquela época diante do regime. Era preciso tornar o campo de pesquisa menor, optando por pesquisar apenas um tipo de associação ou grupo que pudesse ser representativo para a pesquisa: por isso, um sindicato docente era uma opção interessante. Propositamente – devido até mesmo a falta de associações desse tipo no pós-64 – o sindicato eleito foi uma associação “famosa” por suas posições controversas e muitas vezes interpretadas como conservadoras. Assim sendo, temos como foco da pesquisa a União dos Professores Públicos no Estado – Sindicato.

Não é possível hoje, traçar um paralelo entre a fundação da UPPE e seu imediato apoio ao regime que estava instalado no Brasil no ano de seu nascimento: 1945, ou seja, a UPPE nem sempre esteve ao lado dos governantes. Pelo contrário, a associação nasce a partir de um desentendimento entre uma liderança docente e o interventor do estado do Rio de Janeiro. Mas, desde seus primeiros anos, é possível constatar na UPPE uma forte ligação com as posições conservadoras que já há tempos existiam na sociedade. Uma grande admiração a Plínio Salgado, a composição básica da instituição de senhoras professoras de ensino primário, dentre outros. Tais fatores, só fizeram ampliar o desejo pela manutenção do *status quo* quando da tomada do poder pelos militares. O desejo de afastar qualquer perigo que rondasse a paz e a tranquilidade democrática de nossa sociedade era vivo e cada vez maior.

* Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em História Social.

¹ O professor Maximo Masson defende a ideia de que os professores que compunham a classe até o final da década de 1960 eram compostos por membros das camadas médias – que ele chama de pequena burguesia urbana – mas que gradativamente, devido principalmente às mudanças com relação à clientela, salários e regras estatutárias, ocorre uma espécie de proletarização da classe docente.

A priori, a análise do periódico produzido pela UPPE será o marco inicial para o desenvolvimento do trabalho. O jornal inicia sua publicação ainda na década de 1950. Durante um curto período é veiculado, mas é deixado de lado tempos depois. A publicação só volta a ser produzida em 1968, com o nome de Síntese Informativa da União dos Professores Primários do Estado – ou Síntese Informativa da UPPE, doravante tratada como SIU. Sendo rodado semestralmente, o periódico sofreu várias alterações durante a sua existência (a primeira edição era um livreto redigido à máquina de escrever, assumindo o formato tabloide só em 1968) chegando a ser publicado até os dias de hoje. Basicamente, era composto por notícias referentes às reivindicações e conquistas da categoria, além de um forte instrumento de propaganda dos feitos das gestões vigentes. Continha ainda matérias relacionadas à cultura, como concursos de poesias. Outra utilidade do jornal era o de propagandear as benesses assistencialistas oferecidas pelo sindicato a sua categoria. Outro aspecto interessante que a pesquisa pode nos revelar é o quanto o sindicato se valeu da ideia de “ufanismo” para possivelmente mostrar seu apoio ao regime. Existe um farto material para pesquisa, dentro destas “SIU’s”, que possibilita o aprofundamento do trabalho mediante o debate sobre a questão do ufanismo. Não seria o suficiente analisar a presença do ufanismo sem antes analisarmos a obra de Carlos Fico “Reinventando o Otimismo” que certamente foi de grande valia para enriquecer o debate sobre o tema.

Nossa preocupação, no entanto, foi a de buscarmos aprofundar o debate em torno de apenas uma ideia, que foi o conceito de “sociedade civil”. Passando pelos primeiros pensadores que se preocuparam em estudar o tema, ou seja, no surgimento do conceito, percebemos o quanto sua visão ainda em seus primórdios era diferente da visão que defendemos em nosso trabalho. Naturalmente, com o passar do tempo, o conceito de sociedade civil foi ganhando contornos de modernidade, sendo debatido ao longo de vários anos até chegar à visão gramsciana, que em nosso entendimento, é aquela que atende de forma satisfatória a nossa posição, quando aponta que “sociedade civil seriam todos os organismos que concentram um determinado grupo de pessoas, com interesses próximos, mas que em sentido amplo, tem um interesse central: a manutenção da ordem vigente. O sindicato, a igreja, a imprensa, a escola, dentre outros, são exemplos clássicos

disso”. É a partir dessa visão que passamos a relacionar o conceito de sociedade civil com um dos seus organismos que contribuem para a sua composição: o sindicato.

Para isso, apresentamos a visão da situação do movimento sindical durante a ditadura militar. Nossa ideia, além de mostrar o funcionamento das instituições que se curvaram às imposições militares e as dificuldades de estrutura daqueles que se recusaram a seguir a ditadura, era justamente de comparar a situação dos dois tipos de movimentos sindicais. Cada um seguindo a sua opção, tomando rumos opostos: de um lado o sindicalismo pelego, colaboracionista e assistencialista; de outro, o sindicato combativo, perseguido, interdito, que deu origem ao chamado “novo sindicalismo”. Um modelo de movimento sindical adaptado à nova realidade do país, que de um lado acenava a uma abertura controlada, mas de outro tentava de todas as formas não perder as rédeas sobre os “nascentes” movimentos sindicais. Contrapor justamente a visão de que, se havia espaço para a luta do novo sindicalismo, não existiriam mais motivos para a manutenção de um modelo sindicalista pelego, a não ser por motivos de concordância de visões, como por exemplo, acreditamos ser o caso da UPPES.

Analisando a posição tomada pela UPPES durante a ditadura militar e relacionando suas características com os modelos de sindicalismo da época, percebemos que em primeiro lugar, a associação quando observada em um contexto macroestrutural, fica realmente enquadrada como um organismo da sociedade civil. A partir do momento em que reunia pessoas que em uma perspectiva restrita possuíam os mesmos interesses (o agrupamento sindicalizado), mas que tinham interesses mais amplos que levavam à sustentação do regime ditatorial ficou claro que a UPPE pode ser considerada um dos organismos que compuseram a sociedade civil da época, e que largamente contribuíram para tanto.

Ainda nos dedicamos a conhecer um pouco mais sobre a história da associação. Passando pela sua criação em 1945, surpreendentemente fundada por uma liderança com laços familiares comunistas (surpreendente pois ao olharmos o histórico da associação, pensamos sempre na participação de grupos conservadores em sua composição) até a seu pedido de desligamento, por pressões do governo ou internas, o que infelizmente não pode ficar mais claro. Partindo para as sucessoras

que permaneceram em seus cargos por muito tempo, inclusive chamando a atenção para um fato importante: a quase inexistência de intervenções na associação durante a sua história, inclusive durante a ditadura militar, algo que era “muito comum” para a época. Novamente, temos indícios fortes de que a associação e a ditadura no mínimo flertavam por terem pensamentos tão próximos.

Dentro ainda dessa mesma linha, tivemos a preocupação de pautar a nossa descrição da postura sindical utilizando as notícias que eram publicadas no jornal Síntese Informativa da UPPEES. Interessante notarmos que é a partir das notícias que vamos conduzindo a pesquisa de modo a mostrar como que essas manchetes acabam em seu conjunto por comprovar que no mínimo havia uma grande conjugação de ideias entre a ditadura e a UPPE. Ou seja, que a visão de mundo partilhada pelos militares era muito aceita dentro da associação que se utilizava dessa visão de mundo para construir um jornal de divulgação da “causa” do professorado fluminense, mas que sempre conduzia o associado a pensar como a ditadura desejava que as classes dominadas pensassem. Logo, o sindicato deixava de cumprir o seu papel como defensor dos interesses da classe trabalhadora para se tornar um difusor de pensamento conservador, utilizando-se largamente do ufanismo que já era produzido pelo governo.

Em tempo, devemos pensar ainda no quanto poderia ser importante para a manutenção ideológica do governo, ter uma associação de professores que comprou a sua ideia. Essa ideia acabou sendo difundida pelos jornais e que poderiam ser absorvidas pelos docentes, que pulverizariam então todo esse ideário dentro das salas de aula e perpetuar todo o processo de fabricação da visão ufanista do Brasil ditatorial. Logicamente, estamos nos referindo a um desejo da classe dominante, que por conta da dificuldade em se quantificar o quanto essa ideia foi absorvida ou não pelos professores, fica difícil afirmarmos o quanto elas tiveram eco. No entanto, ficou evidente que em algum lugar essas ideias ressoaram, pois seria muito difícil manter a linha ideológica da associação se do lado de fora não houvesse gente que comprasse aquela ideia.

Todavia, em algumas passagens do jornal da associação era tão forte a presença da ideia ufanista, que no terceiro capítulo dedicamos o espaço a justamente debatermos a ideia da formação de uma visão de Brasil pelos militares. Algo que é

interessante, pois costumamos nos contentarmos com a visão de que a propaganda do regime apenas existia e que ela era forte. Com isso, pudemos constatar que além de haver muito uma preocupação em construir uma história que valorizasse a herança dos nossos antepassados, existia um grande desejo de formar uma visão de que o Brasil era um país predestinado ao sucesso e ao protagonismo mundial. Bastava somente lutar para levar essa ideia avante. E percebendo nesse contexto uma maneira de entender o comportamento do povo, “reeduca-lo”, “civiliza-lo” e criar as condições necessárias para abrir caminho para o brilhantismo da nação, os militares se valeram da produção de um clima de euforia, de verdadeiro otimismo em torno do Brasil. Uma visão de que se o Brasil nunca conseguiu alcançar o seu posto de preponderância mundial, foi porque simplesmente não estava bem preparado para isso. Mas que, logicamente na visão dos militares, a partir do modelo de governo deles, esse agora seria um país que iria “pra frente”. A perspectiva militar, com o tempo, se mostrou incapaz de perceber que não era apenas de euforia ou otimismo que fariam o Brasil crescer.

Havendo destaque para a visão ufanista dos militares e a apropriação dessa visão pela UPPE, chegamos ao quarto e último capítulo com a ideia de nos debruçarmos ainda mais com o debate sobre esse tema. Num primeiro momento, nos preocupamos em mostrar que o desejo de construção de certa ideia de nação, pátria, brasileiros, já era bem antigo, remetendo-se ao século XIX. Logo, os militares quando se focam nas mesmas preocupações não estão buscando algo novo. Então, desejando engendram a sua própria visão de construção nacional, mas preocupados em também “corrigirem” os rumos a partir daquilo que viram e julgaram errado, os militares constroem uma verdadeira operação de desconstrução de uma história que julgavam depreciativa para o país e passam a impor a sua forma de “fazer história”. Seja através de livros didáticos, como vimos, seja através da utilização de organismos da sociedade civil da época, como a UPPE.

Nesse último capítulo, ainda, pudemos ainda verificar o quanto a associação se apropriou do discurso ufanista dos militares para difundi-lo através das páginas de seu jornal associativo. E isso se tornou algo importante para a pesquisa, a partir do momento em que foi um dos fatores que comprovou que a associação e o regime tinham muita coisa em comum, ou seja, possuíam pensamentos alinhados. Vale

ressaltar, no entanto, que a ditadura não seguiu o modelo imposto pela UPPE, mas sim o contrário. Logo, em nossa visão, a associação certamente aceitou aquele discurso, se apropriou dele e tratou de divulga-lo, pois inclusive teria assim vários de seus interesses mantidos.

A UPPE e todos seus associados se mantiveram com tal postura por saberem que ali, próximo ao governo, estariam protegidos de possíveis perseguições e teriam maior chance de barganhar com o governo militar. “Era a única forma possível no momento” (OLIVEIRA, 2011). Esta é a tese defendida pelos integrantes da UPPE, atualmente. Embora em nenhum momento a direção do sindicato hoje negue que houve colaboração, sempre existiu esta preocupação em deixar claro que esta era a única maneira de manter o sindicato funcionando. Segundo a própria presidente: “(...) a UPPE trata como associação de professores, não entra muito na política... Ou ela fica quieta, ou vamos (a ditadura) tomar tudo” (OLIVEIRA, 2011).

Vale ressaltar ainda que alguns trabalhos que tratam do tema e citam a UPPE afirmam que o sindicato apoiou o regime como forma de sobrevivência. Não podemos ignorar o fato de que embora seja citada por alguns autores, a UPPE nunca foi objeto de estudo. Logo, os autores trabalham apenas como fontes o testemunho histórico dos que presenciaram por dentro, o papel de luta sindical da associação. Nesta lacuna é que esta pesquisa tentou demonstrar, através das atas, jornais e nas entrevistas, que o sindicato agiu como o regime assim pretendia.

Com isso, após a pesquisa ser concluída, é muito mais próxima da realidade a afirmação de que a UPPE e todos seus associados se mantiveram numa postura conservadora, por saberem que ali, próximo ao governo, estariam protegidos de possíveis perseguições e teriam maior chance de barganha, como as direções afirmam. Não discordamos sobre isso. Todavia, devemos acrescentar a isso alguns outros fatores para justificar a postura da UPPE, como por exemplo, além de apoiarem ideologicamente o regime, fato é que no seu jornal, são inúmeras as manifestações de apoio ao mesmo vindas de diversas partes, tanto dos associados ao escreverem cartas, quanto da direção publicando-as. O apoio ideológico o qual nos referimos pode englobar todos os aspectos que envolveram a reprodução do discurso ufanista do regime dentro do jornal da UPPE, apoio esse que esperamos ter esclarecido durante parte do segundo capítulo e durante todo o terceiro.

Outro ponto importante que deve ser destacado é com relação às transformações ocorridas na vida sindical no Brasil até o advento do “novo sindicalismo”. Tais transformações parecem não terem sido absorvidas pela UPPES. Atrelado às mudanças desse novo sindicalismo surgem outras associações mais reivindicativas no tocante as lutas do magistério. A UPPES preferiu manter-se enraizada às tradições pelegas que vinham regendo a sua atuação. Enquanto era crescente a formação de sindicatos combativos, a postura da associação se mantinha inalterada no relacionamento com as autoridades e na maneira como eram trabalhadas as reivindicações classistas. Realmente havia uma grande diferença em como as outras categorias lutavam e a forma de reivindicação upeana. Interessante notarmos inclusive, que até bem recentemente, a UPPES ainda possui uma visão de mundo bem conservadora. A professora Kênia Miranda, durante sua pesquisa de Mestrado, produziu uma tabela comparativa através de pesquisas realizadas em 2005 por ela que mostra o perfil entre os três principais sindicatos de professores do Rio de Janeiro, dentre os quais estava a UPPES, e o resultado da pesquisa mostra justamente a diferença de visão das lideranças do antigo sindicato com os mais recentes:

TABELA 1 - PERFIL DOS DIRIGENTES SINDICAIS⁶⁴

Questão	SINPRO-Rio	UPPES	SEPE-RJ
1. Tempo de militância (média)	26,8 anos	19,4 anos	14,7 anos
2. Filiação partidária	sim: 60% não: 40%	Sim: 20 % não: 80%	sim: 100% não: 0 %
3.1 Avaliação da política educacional do Governo Lula quanto ao Ensino Fundamental	crítica: 20% favorável: 40% neutra: 20% ND: 20%	crítica: 80% favorável: 20% neutra: 0% ND: 0%	crítica: 56,25% favorável: 37,5% neutra: 0% ND: 6,25%
3.2 Quanto ao Ensino Médio	crítica: 20% favorável: 40% Neutra: 40% ND: 0 %	crítica: 100% favorável: 0% Neutra: 0% ND: 0 %	crítica: 37,5% favorável: 37,5% neutra: 12,5% ND: 12,5%
3.3 Quanto à Educação Superior	crítica: 20% favorável: 40% Neutra: 40% ND: 0%	crítica: 100% favorável: 0% neutra: 0 % ND: 0%	crítica: 50% favorável: 37,5% neutra: 12,5% ND: 0%
3.4 Expectativas gerais quanto ao Governo Lula	Positiva: 80% Positiva com restrições: 0 % Negativa: 20%	Positiva: 0% Positiva com restrições: 0 % Negativa: 100%	Positiva: 43,75% Positiva com restrições: 18,75% Negativa: 37,5%

⁶⁴ Legenda: ND = Não declarado – SE= Sem Escolaridade – EF= Ensino Fundamental – EM = Ensino Médio – Esp= Especialização - ES= Educação Superior.

Questão	SINPRO-Rio	UPPES	SEPE-RJ
4. Escolaridade	EM: 20% Gra: 20% Esp: 60% Mes: 0% Dou: 0%	EM: 20% Gra: 40% Esp: 20% Mes: 0% Dou: 20%	EM: 18,75% Gra: 25% Esp: 31,25% Mes: 25% Dou: 0%
4.1 Escolaridade paterna	SE: 0% EF: 60% EM: 0% ES: 40%	SE: 20% EF: 20% EM: 20% ES: 40%	SE: 6,25% EF: 31,25% EM: 25% ES: 18,75%
4.2 Escolaridade materna	SE: 20% EF: 40% EM: 20% ES: 20%	SE: 20% EF: 20% EM: 60% ES: 0%	SE: 0% EF: 56,25% EM: 37,5% ES: 6,25%
5. Renda pessoal	Entre R\$ 1.200 e R\$ 1.800: 60% Acima de R\$ 3.000: 40%	Entre R\$ 1.200 e R\$ 1.800: 20% Acima de R\$ 3.000: 60% Não declarado: 20%	Até R\$ 600: 12,5% Entre R\$ 600 e 1.200: 12,5% Entre R\$ 1.200 e 1.800: 12,5% Entre R\$ 1.800 e 2.200: 12,5% Entre R\$ 2.200 e 3.000: 12,5% Acima de R\$ 3.000: 37,5%
6. Faixa etária	Entre 56 e 65 anos: 60% Acima de 65 anos: 20% Não declarado: 20%	Até 45 anos: 20% Entre 46 e 55 anos: 20% Entre 56 e 65 anos: 40% Acima de 65 anos: 20%	Até 35 anos: 12,5% Entre 36 e 45 anos: 50% Entre 46 e 55 anos: 25% Entre 56 e 65 anos: 12,5% Acima de 65 anos: 0%
7. Sexo	F: 40% M: 60%	F: 80% M: 20%	F: 62,5% M: 37,5%

Fonte: MIRANDA, 2005: 91.

Comparando a UPPES com outros sindicatos atualmente já nos passa uma visão de que suas lideranças possuem atualmente posições bem diferentes do que os outros sindicatos, mais classistas, ou como costumamos chamar, de “chão de fábrica”. Mas, como percebemos desde há muito na pesquisa, o conservadorismo da associação não é recente, pois desde seus primeiros anos, é possível constatar na UPPE uma forte ligação com as posições conservadoras que já há tempos existiam na sociedade. A admiração a Plínio Salgado, a composição da UPPE por senhoras professoras de ensino primário, etc. Isso tudo se mostrou como um terreno fértil para o desejo pela manutenção das estruturas vigentes quando os militares tomaram o poder. A intenção era justamente a de manter a nossa sociedade dentro de todos os preceitos cristãos, democráticos, pacíficos e ordeiros.

Investigando as fontes produzidas pela própria associação (o seu jornal), além de entrevistas e acesso às atas, foi possível identificar indícios de que houve apoio ao regime. E este apoio variou na maneira como era feito, como por exemplo, um concurso de poesias que exaltasse as obras realizadas pelos militares, ou o empréstimo de sua sede para reuniões da caserna. A UPPE foi um modelo de instituição conservadora, que apoiou o regime militar conforme foi de seu interesse, conseguindo com isso um enorme número de benesses e evitando uma única

intervenção durante todo o período da ditadura. Baseados em todo o material encontrado e pesquisado e a partir das problematizações descritas nas páginas anteriores, é que podemos afirmar que essa instituição se beneficiou com tal modelo e que sempre lhe foi conveniente cada apoio prestado ao regime.

FONTES

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Icleya Gomes da Silva. Rio de Janeiro, 2015.

GODOFREDO & REGINA PINTO. Entrevista concedida a Diego Ramos. Niterói, 15, DEZ. 2013.

Livro de Atas de Assembleia Geral nº II, página 164. 16/06/1968

O Fluminense. Niterói. 1945 – 1979.

O Globo. Rio de Janeiro. 14 dez. 1968

OLIVEIRA, Teresinha. *Marcados pela história*. Niterói: UPPEs, 2004.

SÍNTESE INFORMATIVA DA UPPEs. Niterói, 1968-1978. Semestral.

TEREZINHA MACHADO DE OLIVEIRA. Entrevista concedida a Diego Ramos. Niterói, 31, out. 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FICO, Carlos. *Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

FONTES, Virgínia. *O Brasil e o capital imperialismo: teoria e história*. Rio de Janeiro: EPSJV/Editora UFRJ, 2010.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 13 (1932-1934). Breves notas sobre a política de Maquiavel. *Cadernos do Cárcere. Vol. 03*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2012. p. 11 – 112.

MASSON, Maximo Augusto Campos. *Magistério e Sindicalismo: A trajetória do Centro de Professores do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Educação) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

MATTOS, Marcelo Badaró. *Novos e Velhos Sindicalismos no Rio de Janeiro (1955-1988)*. Rio de Janeiro : Vício de Leitura, 1998.

MIRANDA, Kênia. *A Organização dos Trabalhadores em Educação sob a Forma-Sindicato no Capitalismo Neoliberal: O Pensamento Pedagógico e o Projeto Sindical do SINPRO-RIO, da UPPES e do SEPE-RJ*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.